

uma classificação retrospectiva dos tipos de mobilidade geográfica nas Américas latinas; Preeminência urbana e rede urbana na América colonial. Neste capítulo encontram-se realçadas as Américas espanhola e portuguesa.

Fontes — manuscritas e impressas — e bibliografia comprovam, ademais, o critério com que o autor elaborou os estudos acima revelados, especialmente atinentes à História Quantitativa, que alguns historiadores brasileiros já preferem chamar de História Econômica Estatística, e que atualmente suscita enorme gosto de investigação e análise.

Trata-se, realmente, de obra de alto mérito, digna, portanto, de ser lida e meditada.

HAIÐÊE MARQUIAFAVE PUGLIESI

\* \*  
\*

FLEXOR (Maria Helena). — *Oficiais mecânicos da cidade de Salvador*. Salvador, Departamento de Cultura da Prefeitura Municipal, 1974, 90 p., bibl.

A História do Brasil, notadamente a do Período Colonial, ainda é uma História de elites, de grupos dominantes. A “arraia-miúda”, as populações urbanas, os homens-livres não figuram em seu elenco de heróis. Disposta a enfrentar essa árdua tarefa de elaboração, a autora executa a coleta inicial de dados pesquisando exaustivamente a documentação soteropolitana dos séculos XVII e XVIII.

Oferece-nos então, neste opúsculo, um esboço da situação social da mão-de-obra qualificada da cidade de Salvador, na Colônia.

Os chamados “oficiais mecânicos” eram organizados, em Salvador, à maneira das corporações portuguesas, em confrarias e irmandades; e regidos o ingresso à função e o seu exercício, pelas decisões da Câmara da cidade, onde, até o início do século XVIII, possuíam um representante: O Juiz do Povo e Mesteres. Por outro lado, tais ofícios não constituíam trabalho “vil”, próprio de escravos, e foi exercido em geral por brancos e, até, por militares graduados.

A documentação consultada permitiu, também, traçar o perfil funcional de alguns ofícios — como os de marceneiro, torneiro, carpinteiro, pedreiro, corrieiro e serralheiro — estabelecendo atribuições, regulamentação do exercício, constituição das Confrarias, tabelas de preços dos serviços.

As posturas freqüentes da Câmara, as múltiplas Confrarias e, principalmente, os movimentos sociais como a “Revolução dos Alfaiates” atestam o caráter participante desses grupos urbanos. Assim, o trabalho da Profa. Maria Helena Flexor, de intenções humildes de primeiro levantamento, é obra pio-

neira e constitui leitura obrigatória para a atualização de nossos conhecimentos sobre a Época Colonial.

VERA LÚCIA AMARAL FERLINI

\* \* \*

ARNS (Alice Bertoli). — *Laguna, uma Epopéia de Franciscanos e Bandeirantes e a história de uma Velha Igreja*. Curitiba. Imprensa Ltda, 163 pp., 30 ilustrações, 1 mapa, 1975.

A pesquisa intitulada: *Laguna, uma esquecida Epopéia de Franciscanos e Bandeirantes, é a história de uma velha igreja*; uma das oportunas publicações veiculadas nas festividades do Tricentenário da Província Franciscana da Imaculada Conceição do Brasil, sediada administrativamente no Convento de São Francisco, no Largo de São Francisco desta Paulicéia.

Instrumenta a obra nove capítulos, com um belo prefácio do Pe. Frei Venâncio Willeke OFM, diretor-fundador do Centro de História Franciscana e assessor *semper pariete* de um curso de pós-graduação na área de História Social, na Universidade de São Paulo, cuja temática fundamental é, precisamente: *O Franciscanismo em Portugal e no Brasil à época dos descobrimentos*.

A autora da obra que se resenha, é uma conscienciosa professora universitária, porquanto apresenta um estudo sério, bem estruturado, focando, de início, o núcleo urbano de Laguna no contexto do século XVII. Em seguida trata do processo de restauração da igreja de Santo Antônio dos Anjos, através de parlante documentação iconográfica. Lamenta contudo, a falta de registros suficientes para uma avaliação concatenada dos feitos de Domingos de Brito Peixoto, o fundador de Laguna.

Para relatar o estabelecimento dos primeiros missionários em Mbyaçá, a documentação usada pela autora é de significado valor histórico, pois enfoca como diz Frei Venâncio Willeke “a primeira escola missionária do Brasil de que temos notícia certa”.

No capítulo VII a autora realiza um estudo das imagens e, como diz, “o estudo da história das imagens da colonização portuguesa no Brasil, apresenta uma valiosa contribuição para a interpretação da própria índole dos descobridores e colonizadores lusitanos”.

No último dos nove capítulos do seu livro, Alice Arns aborda a problemática da restauração da velha igreja de Santo Antônio dos Anjos da Laguna, de quantos procuraram restaurá-la, dos sacrifícios por que passaram: o povo, o vigário, o restaurador — Mestre Rodrigues — e seus auxiliares.

Considerando que a obra reflete o memorável labor franciscano, percebemos a “louvável preocupação da Autora pela estima e preservação dos monumentos artísticos de Santa Catarina”.